

HILDEGARDA DE BINGEN: *PHYSICA* E *CAUSAE ET CURAE*

Maria Cristina da Silva Martins¹

Resumo

Hildegarda de Bingen foi uma religiosa católica, da Ordem dos Beneditinos, nascida em 1098. Era uma mulher à frente de seu tempo, devido à sua imensa obra, que abrange diversas áreas do conhecimento. Trabalhou como terapeuta, médica, conselheira espiritual, profetiza, abadessa, compositora musical, entre outras ocupações. Na qualidade de médica ou terapeuta, desenvolveu um método de tratamento de doenças revolucionário, que considerava as doenças como oriundas de um desequilíbrio entre o corpo, a mente e o espírito. Seus tratamentos de cura aparecem em suas obras *Physica* “Física” e *Causae et Curae* “As Causas e as Curas”. Em *Physica*, obra composta de nove livros, ela descreve os elementos da natureza, como as plantas, os animais e pedras, e dá alguns usos terapêuticos desses elementos. Em *Causae et Curae*, Hildegarda aprofunda os significados e o influxo das coisas da natureza, que são obras de Deus, sobre o ser humano. *Physica* e *Causae et Curae* enquadram-se no que atualmente considera-se como medicina holística. Pretende-se neste artigo mostrar o legado que nos deixou essa santa medieval e apresentar extratos de tradução dessas obras, que fazem parte de um projeto de tradução comentada, bilíngue e integral das mesmas.

Palavras-chave: Hildegarda de Bingen. *Physica*, *Causae et Curae*. Tradução. Língua latina. Medicina medieval.

Abstract

Hildegard of Bingen was a Catholic nun of the Order of the Benedictines, born in 1098. She was a woman ahead of her time, due to her immense work that covers several areas of knowledge. She worked as a therapist, physician, spiritual counselor, prophetess, abbess, musical composer, among other occupations. As a physician or therapist, she developed a revolutionary method of disease treatment that understood illness as a result of an imbalance between body, mind, and spirit. Her healing treatments appear in her works *Physica*, “Physics” and *Causae et Curae*, “The Causes and the Cures”. In *Physica*, a work composed of nine books, she describes the elements of nature, such as plants, animals and stones, and gives some therapeutic uses of these elements. It is in *Causae et Curae* that Hildegard deepens the meanings and the influx of the things of nature, which are works of God, on the human being. *Physica* and *Causae et Curae* fit into what is now considered holistic medicine. This article intends to show the legacy that this medieval saint left us and to present extracts from the translation of these works, which are part of a bilingual and integral translation project.

Keywords: Hildegard of Bingen. *Physica*, *Causae et Curae*. Translation. Latin Language. Medieval medicine.

¹ Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Instituto de Letras, UFRGS (Brasil).
cristina.martins@ufrgs.br

1. Introdução

Hildegarda de Bingen foi uma freira e, posteriormente, abadessa católica, da Ordem dos Beneditinos, nascida em 1098. O título de religiosa é pequeno para uma mulher que, em plena época da 2ª Cruzada (1147-1149) e da Inquisição, com ousadia e muita capacidade, produziu uma obra imensa, que abrange diversas áreas do conhecimento. Além de freira e, posteriormente, abadessa de um convento criado por ela, foi cientista, teóloga, pregadora, filósofa, linguista, pintora, compositora, poeta, dramaturga e médica (ou algo próximo dessa função). Nasceu em Bermersheim, na Alemanha, e faleceu em 1179, aos 81 anos, em Ruppertsberg, próximo a Bingen. Era oriunda de família nobre, sendo seu pai cavaleiro a serviço do conde Meginhard de Spanheim. Aos oito anos foi confiada aos cuidados de Jutta, irmã do conde Meginhard, que era abadessa de um convento beneditino para homens e mulheres em Disibodenberg. Desde cedo, por volta dos seis anos de idade, Hildegarda começou a ter visões espiritualistas, que continuaram pelo resto de sua vida. Na fase adulta, recebeu instrução desses seres espirituais para que escrevesse tudo o que lhe estava sendo revelado, o que resultou no livro *Scivias*. Quando Jutta morreu, Hildegarda contava com 38 anos de idade e foi indicada para assumir a posição de abadessa. No entanto, usando de inteligência e diplomacia, não aceitou a indicação e pediu que fosse realizada uma votação, da qual foi vencedora. Posteriormente, conseguiu criar um convento exclusivo para mulheres. Hildegarda tornou-se muito conhecida pelo seu trabalho como terapeuta, médica, conselheira espiritual e profetiza, a tal ponto que muitos a procuravam para solucionar problemas (JÜRGENSMEIER, 1979 *apud* MOULINIER, 2003)².

Hildegarda foi uma das primeiras pessoas a quem o procedimento oficial de canonização foi aplicado. Houve quatro tentativas de canonização antes da que de fato formalizou esse processo, em 10 de maio 2012, obtido pelo Bento XVI, a quem também devemos o título de doutora da Igreja, concedido a Hildegarda. A partir daí, ela integra o quadro das quatro mulheres doutoras da Igreja, ao lado de Catarina de Siena, Teresa de Ávila e Teresa de Lisieux (Teresinha do Menino Jesus, em português). A última tentativa de canonização de Hildegarda havia sido a do Papa Inocêncio IV, em 1244. No entanto, mesmo sem ter o estatuto oficial de santa, era objeto de devoção de longa data, porque seu nome constava no martirólogo romano do final do século XVI, com o título de santa. Comemora-se sua festa em 17 de setembro, dia de sua morte. Algumas de suas biografias dão conta de que, no momento de sua morte, várias pessoas em Rupertsberg teriam visto dois arcos cruzando-se no céu e, em seu ponto de intersecção, haveria uma cruz luminosa. As relíquias de Hildegarda mantêm-se até hoje na igreja paroquial de Eibingen, perto de Rudesheim, no Reno.

2. Obras de Hildegarda de Bingen

Hildegarda de Bingen produziu as seguintes obras escritas, que passamos a mencionar por temas: i) hagiografia: *Vita Sancti Disibodi* (“Vida de São Disibodo”),

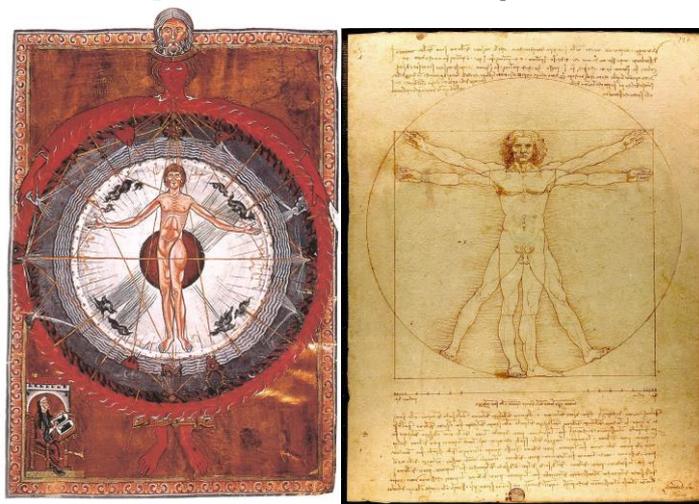
² Cf. F. JÜRGENSMEIER. *St Hildegard Prophetissa teutonica*. Hildegard von Bingen 1179-1979. Festschrift zum 800. Todestag der Heiligen. Mainz, Alemanha: A. Ph. BRÜCK, 1979, pp. 273-293, p. 286 *apud* MOULINIER, L., 2003, pp. 117-384.

Vita Sancti Ruperti (“Vida de São Ruperto”); ii) trabalhos exegéticos: *Solutiones triginta octo quaestionum* (“Decomposições de trinta e oito questões”), *Explanatio Regulae Sancti Benedicti* (“Interpretação da Regra de São Bento”), *Explanatio Symboli Sancti Athanasii* (“Interpretação do Símbolo de Santo Anastácio”), *Expositiones Evangeliorum* (“Explicações dos Evangelhos”); iii) obras teológicas e místicas: *Scivias* (abreviação de *Scito vias Domini* “Conheça os caminhos do Senhor”), *Liber Vitae Meritorum* “Os Livros dos Méritos da Vida”, *Liber Divinorum Operum Simplicis Hominis* “Livro das Obras Divinas do Homem Simples”; (iv) medicina: *Physica* “Física” e *Causae et curae* “Causas e curas”; (v) música e poesia: *Symphonia Harmoniae Caelestium Revelationum* “Sinfonia da Harmonia das Revelações Celestes” (77 peças), *Ordo Virtutum* “A Ordem das Virtudes” (auto sacro musicado); (vi) linguística: *Lingua Ignota* “Língua Desconhecida”; (vii) epistolografia: *Litterae* “Cartas”.

O único livro de Hildegarda de Bingen traduzido para o português foi *Scivias*, editado pela editora Paulus, em 2015, a partir da língua inglesa (publicação norte-americana de 1990). Entre os assuntos de suas visões estão temas como a caridade de Cristo, a natureza do universo, o reino de Deus, a queda do ser humano, a santificação e o fim do mundo. Esse livro é principalmente especial para historiadoras e teólogas feministas, pois elucida a vida das mulheres medievais e é um exemplo impressionante, de certa maneira, da espiritualidade cristã. As suas visões são explicadas uma por uma alegoricamente: primeiramente a visão, seguida da sua explicação e dos significados teológico e espiritual. O livro contém igualmente mandalas e iluminuras desenhadas por Hildegarda.

Hildegarda representou alegoricamente o homem, os seres angelicais, a composição da natureza e do universo tal como os concebia. Repare-se a semelhança do desenho abaixo, que descreve uma de suas visões presentes no *Liber Divinorum Operum* (“Livro das Obras Divinas”), com a famosa pintura “O Homem de Vitruvius”, de Leonardo da Vinci.

Figuras 1 e 2: *Liber Divinorum Operum*



Fonte: Wikipédia³

³ *Liber Divinorum Operum* (1165) Cópia do XIII século. Wikipédia. Disponível em: <https://fr.wikipedia.org/wiki/Hildegarde_de_Bingen#/media/File:Hildegard_von_Bingen_Liber_Divinorum_Operum.jpg>. Acesso em: 21 set. 2018. “O Homem de Vitruvius”. Wikipédia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Homem_vitruviano#/media/File:Da_Vinci_Vitruve_Luc_Viatour.jpg>. Acesso em: 21 set. 2018.

O reconhecimento pelo trabalho de Hildegarda está presente em vários artistas contemporâneos, de diversas áreas. Sem citar exaustivamente todas as obras de arte, por exemplo, na literatura, Umberto Eco fez vários personagens de *O Nome da Rosa* (1981) citarem Hildegarda de Bingen como santa. Kim Stanley Robinson mencionou Hildegarda como a criadora do termo *viriditas* em *Red Mars*, uma trilogia de ficção científica sobre a colonização de outros planetas. Na música, em 2001, o grupo sueco Garmarna lançou um álbum intitulado *Hildegard Von Bingen*. Em 2006, Hildegarda foi tema de música – *Hildegarde de Bingen* – no álbum *Galileo*, de Claire Pelletier. Em 2008, sua vida foi retratada no filme franco-alemão *Vision*, dirigido por Margarethe Von Trotta.

No campo da psicologia, Carl Jung também se inspirou no trabalho de Hildegarda. Avis Clendenen, no livro *Experiencing Hildegard: jungian perspectives*, mostrou a vinculação de Jung a Hildegarda acerca da natureza das doenças e de suas curas. A chamada medicina monástica (*klosterheilkunde*) está sendo cada vez mais reconhecida e aceita pela medicina moderna. Em 2012, um grupo de cientistas, liderados por Dr. Uehleke⁴, em faculdades de medicina em Berlim e Zurique, realizou um estudo para validar a autenticidade da medicina monástica, utilizando Hildegarda como base. A equipe analisou quatrocentos e trinta e sete empregos feitos por Hildegarda sobre cento e setenta e cinco plantas. Trinta recomendações feitas por ela estavam corretas e ainda são utilizadas em tratamentos.

3. *Physica*

O livro *Physica* foi escrito entre 1150 e 1158 e compõe-se de nove livros (*Libri Novem*), cuja sequência é esta: *De Plantis*, *De Elementis*, *De Arboribus*, *De Lapidibus*, *De Piscibus*, *De Avibus*, *De Animalibus*, *De Reptilibus*, *De Metallibus* (“Plantas”, “Elementos”, “Árvores”, “Peixes”, “Aves”, “Animais”, “Répteis”, “Metais”). Como se deduz pelo próprio conteúdo do livro *Physica*, a palavra física nada tem a ver com o significado que a ela atribuímos hoje em dia. *Physica*, em latim, provém do grego clássico φυσική (‘ciências naturais’ substantivação do adjetivo φυσικός “natural”), mantendo o mesmo significado da língua grega. É difícil percorrer todo o trajeto histórico do termo “física” como medicina ou algo semelhante a esta. Sabe-se, entretanto, que houve um livro intitulado *Physiologus*, sobre medicina, de autor desconhecido, escrito no século II no Egito e que foi traduzido para o latim por volta do ano 700.

Physica preserva-se em cinco manuscritos e quatro fragmentos: dois manuscritos escritos no século XIII – um em Wolfenbuttel⁵ e outro em Florença; um

⁴ Uehleke B, et al. *Are the Correct Herbal Claims by Hildegard von Bingen Only Lucky Strikes? A New Statistical Approach*. Alemanha: Forsch Komplementmed, 2012;19:187-190.

⁵ O manuscrito de Wolfenbuttel, do século XII, é o mais antigo de todos e encontra-se na Biblioteca Herzog-August, Cod. Guelf. 56, 2. Aug. 4^of 1-174 v. Conservam-se também, outros dois manuscritos posteriores, datados do século XV: o de Bruxelas, Bibliothèque Royale, Cod. 2551 e o de Paris, Bibliothèque Nationale de France, Cod. 6952 f. 156-232. Recentemente apareceram outros dois manuscritos que também contém a obra completa: o de Florença, Bliibliotheca Medicae Laurenziana, Ashburnham 1323, do início do século XIV e o do Vaticano, Biblioteca Apostólica Vaticana, Ferraioli 921, do início do século XV. Finalmente a outros quatros manuscritos que contém partes, mais ou menos extensas da obra: o da Biblioteca Burger em Berna, Cod. 525, f 18r-23r, do século XV; o da Biblioteca da Universidade de Friburgo D, MS 178a, este manuscrito contém apenas o livro das pedras e é do primeiro quarto do século XV; o da Ms German fol. 817 (fols 2r-61v) da Staatsbibliothek

manuscrito escrito no final do século XIV ou início do século XV em Roma; dois manuscritos escritos no século XV – um em Paris e outro em Bruxelas; e quatro fragmentos – os de Berna, Berlim, Friburgo e Augsburg (ADAMSON, 1995). Adotamos o texto latino da obra *Physica* a partir da edição de J. P. Migne (1882), que se baseia na edição de J. Schott de 1533, publicada em Estrasburgo.

Em *Physica* são descritas quase 300 plantas, 61 tipos de aves e animais voadores e 41 tipos de mamíferos. A obra é considerada por alguns estudiosos como uma verdadeira enciclopédia (BOUDÈS, 2016). As apresentações são destinadas a um propósito terapêutico, e Hildegarda indica os remédios que podem ser obtidos de cada planta ou órgão animal. Esse livro pertence mais à história da medicina popular do que à história das ciências naturais. Hildegarda usa tudo o que a natureza poderia oferecer em termos de tratamentos: os “simples” (de *medicina simplicis*, como era chamada a medicina através de plantas na Idade Média).

Atribui-se a esse livro o estatuto de ter sido o primeiro livro de ciências naturais do Sacro Império Romano-Germânico e de ter sido a base para o estudo da Botânica durante toda a Baixa Idade Média na Europa (sécs. XI ao XV) até o século XVI. A literatura consultada sobre *Physica* é unânime em declarar que o livro serviu como um manual prático de cura popular e de medicina monástica. Embora o conteúdo das informações apresentadas por Hildegarda seja oriundo de compilações de livros a que teve acesso (MOULINIER, 1995), vê-se que muito deriva do conhecimento prático que ela adquiriu no mosteiro. De fato, é dos mosteiros que provém a medicina empregada na Idade Média (ALMEIDA, 2009). Em *Physica*, Hildegarda descreve as substâncias médicas naturais disponíveis naquele tempo. Além da descrição dos elementos da natureza e de sua aplicabilidade para a prevenção e cura de doenças tanto físicas quanto mentais e espirituais, a obra parece ser um manual geral sobre a utilidade e o valor das substâncias mais comuns e abundantes na Criação, que são plantas, animais e minerais. Entretanto, é no livro *Causae et Curae* que Hildegarda versa, especificamente, sobre as doenças e os remédios para curá-las. Ela se refere aos medicamentos como *naturalia* (as coisas naturais), termo já empregado por Celso, médico romano do século I. Celso, por exemplo, orientava que para curar um derrame ocular, não há melhor remédio do que banhar o olho com sangue de pomba, pombo-bravo ou andorinha (SOUSA, 2005, p.17). Segundo Celso, a capacidade que estas aves têm de se recuperar rapidamente de um derrame ocular está contida em seu sangue que passa, por contato, para o sangue humano, possibilitando a sua recuperação (CELSUS e SPENCER, 1935). Ela propunha, tal como Celso, a utilização de sangue, carne e couro de certos animais para adquirir as virtudes do próprio animal, curando, portanto, certas doenças ou indisposições.

Em se tratando da arte médica desenvolvida por Hildegarda de Bingen, pode-se dizer que ela atuou entre ciência e arte, ciência e misticismo, objetividade e subjetividade, magia e ciência. Por um lado, é notório que muitos de seus conhecimentos tenham tido origem na medicina greco-romana, árabe e judaica, e que ela tenha lido tudo o que fosse possível. Numerosas práticas de cura desenvolvidas por Hildegarda também eram praticadas por Galeno e por Celso. Hildegarda considerava o ser humano como um sistema complexo e interligado entre corpo,

Preußischer Kulturbesitz de Berlim, que contém a maioria do Livro I (Das Plantas), traduzido para o alemão em 1456; por último, Códice Oettingen-Wallerstein III 1, 2º fol 43., da Biblioteca da Universidade de Augsburg, que contém 15 capítulos da obra, datando do último quarto do século XV.

mente e espírito. Como tal, sua medicina era parte de um sistema de cura que deveria atuar nesses três níveis. Consequentemente, para que pudesse ser eficaz nesses três aspectos da natureza humana, sua medicina envolvia uma prática ao mesmo tempo mágica, religiosa e científica. Por outro lado, ela soube separar ciência de religião, porque muitas vezes afirmou que um doente não se cura apenas com orações.

As influências de Hildegarda foram variadas, como se disse antes. Embora não haja nenhuma referência a obras ou autores em seus escritos, é possível perceber que ela leu Celso (25 a.C.- 50); Dioscórides Pedanios (40-90); Plínio, o Velho (23-79); Galeno (130-210) e Isidoro de Sevilha (560-636). Esse último dedicou à medicina o quarto livro de suas *Etimologias*, sendo essa obra a primeira das enciclopédias medievais. Foi Isidoro quem declarou que, para tratar um doente, dever-se-ia, primeiramente, restaurar sua energia vital, porque através dessa alcançava-se a cura e a manutenção da saúde. A concepção da restauração da energia vital como prática da manutenção da saúde perdurou por toda a Idade Média, e teve origem com a teoria dos humores, sistematizada por Galeno no século II e difundida no século IV por Oribásio (320-400) (LE GOFF e SCHIMITT, 2017, pp. 173-189). Hildegarda também pregava essa visão de saúde integrada, que poderia ser restaurada pela elevação da energia vital do ser humano, obtida através de uma alimentação equilibrada, exercícios físicos, preces e emprego de certos recursos da natureza, como o uso de pedras e ervas. Na visão de Hildegarda, a humanidade somente seria feliz se vivesse em constante respeito mútuo, em equilíbrio com a natureza e em reverência a Deus.

Deve-se principalmente à escola pitagórica a correspondência entre as características dos elementos naturais quente, frio, úmido e seco, e os quatro humores do ser humano –sanguíneo, fleumático, melancólico e colérico (REZENDE, 2009;). Os humores e as características dos elementos naturais estavam ainda associados aos quatro elementos – terra, ar, fogo e água – e às quatro estações do ano – inverno, primavera, verão e outono. Era de fundamental importância saber qual dos quatro humores prevalecia no corpo humano, pois quando os humores estavam desequilibrados, apareciam doenças (RICHET, 1910). Por isso, Hildegarda sempre alertava para a característica de determinado alimento, que poderia provocar abundância ou falta de determinado humor. Desses quatro humores predominava sempre um, que determinava o temperamento do indivíduo: sanguíneo, melancólico, colérico ou fleumático. Cada um dos temperamentos era assinalado a um elemento: o sanguíneo ao ar, o fleumático à água, o melancólico à terra e o colérico ao fogo. Ademais, tinham os elementos qualidades precisamente definidas: o ar é úmido e quente, a água úmida e fria, a terra seca e fria e o fogo seco e quente. As doenças eram, assim, definidas conforme essas quatro características. O tratamento de uma doença dava-se por meio de plantas medicinais que continham as qualidades opostas (FERLT, 2013).

4. Texto latino e respectiva tradução dos Capítulos V e XIII (Livro I), e Capítulo I (Livro IV) de *Physica*

Physica - Lib. I, De Plantis

Cap. V. De Spelta - [Triticum spelta], p. 1131

Spelta optimum granum est, et calida, et pinguis et virtuosa est, et suavior aliis granis est, et eam comedenti rectam carnem facit, et rectum sanguinem parat, atque laetam mentem et gaudium in mente hominis facit; et quomodocunque comedant sive in pane, sive in aliis cibis, bona et suavis est. Et si quis ita infirmus est quod prae infirmitate comedere non potest, accipe integra grana speltarum, et ea in aqua coque, sagimine addito, aut vitelo ovi, ita ut propter meliorem saporem libenter comedi possit, et da hoc infirmo comedendum, et eum, ut bonum et sanum unguentum, interius sanat.

Physica - Lib. I, De Plantis

Cap. XIII. De Galgan (5) [II, 17], p. 1134

Galgan [galanga ed.] totum alidum est, frigiditatem in se non habet et virtuosum est. Homo, qui ardentem febrem in se habet, galgan pulverizatum et pulverem istum in fonte bibat, et ardentem febrem extinguet. Et qui in dorso aut in latere de malis humoribus dolet, galgan in vino welle et calidum saepe bibat, et dolor cessabit. Et qui in corde dolet et cui in corde unmecht, ille mox de galgan comedat satis, et melius habebit. [Homo quoque qui foetentem halitum patitur, qui ad pulmonem transit ita ut etiam aliquando raucam vocem habeat, galangam et faeniculum aequali pondere accipiat, et bis tantum de nuce muscata et de piretro, ut istorum duorum est, et haec pulverizet, et simul commisceat, et de pulvere isto ad pondus duorum nummorum cum tenui buccella panis quotidie jejunos comedat; et mox modicum calidi vini bibat, et alias nobilis herbas, quae bonum odorem habent, tam pransus quam jejunos, frequenter comedat ut bonus odor earum foetentem halitum compescat.

Física – Livro I – Plantas

Espelta

A espelta⁶ [Triticum spelta] é um ótimo grão. Não só é quente, como também é rico e energético, e é mais suave do que os outros grãos. Produz bom corpo e bom sangue a quem o come; proporciona uma mente alegre e dá contentamento à mente do homem. De qualquer modo que comam, ou no pão ou em outros alimentos, é bom e agradável. E, assim, se alguém está enfermo e que por sua fraqueza não pode comer, pegue os grãos inteiros de espelta e cozinhe-os na água, acrescentados de verbena ou gema de ovo para que mais facilmente possa comer. Dê a esse enfermo para comer e ele ficará curado por dentro, como se fosse curado por um bom e saudável unguento.

Física – Livro I – Plantas

Galanga

A galanga [Alpinia galanga] é totalmente quente, não tem nenhum frio em si e é energética. Se alguém tem febre ardente, beba galanga pulverizada com água de fonte, e a febre ardente extinguir-se-á. Aquele que sente dor nas costas e na lateral do corpo por causa dos maus humores, ferva galanga com vinho e beba-a sempre quente, e a dor desaparecerá. Quem tem dor no coração e que tenha o coração fraco, que ele logo coma galanga em quantidade suficiente, e terá melhora. A pessoa que sofre de mau-hálito, que vai até o pulmão, como também que tenha algumas vezes voz rouca, pegue galanga e funcho em medidas iguais e acrescente duas vezes essa quantidade de noz-moscada moída e de piretro. Transforme tudo isso em pó e misture. A partir deste pó, ao peso de duas moedas, coma-o com um pedacinho de pão, todos os dias em jejum. E logo beba um pouco de vinho quente, e coma frequentemente outras ervas nobres, que têm bom odor, tanto com a

⁶ O trigo espelta é também conhecido como “trigo-vermelho” e, em francês, como “trigo dos gauleses”. Os especialistas se dividem quanto à sua origem. Uns sugerem que teria surgido no Irã, no quinto ou sexto milênio antes de Cristo; outros que teria surgido na Europa, em uma época mais recente. De fato, ele é encontrado em sítios arqueológicos da Idade do Bronze, na Europa Central e do Leste, assim como no Oriente Médio e nos Balcãs (de 3000 a 1000 a.C.). A farinha de espelta constituía uma das bases do regime alimentar das populações latinas, segundo o dicionário Gaffiot da palavra *far* “espelta, espécie de trigo” origina-se farinha. Na Roma Antiga, o pão de espelta era consumido pelo casal na cerimônia *confarreatio*, uma das três formas jurídicas do casamento romano. Há muitas coisas a se dizer sobre a espelta do ponto de vista da alimentação e de sua utilização medicinal. Desde a antiguidade, a farinha de espelta era utilizada em pomadas. Teofrasto (século IV a.C.) dá a receita de uma pomada para curar ferimentos, cujos ingredientes fixos são farinha de espelta, tâmara e queijo, que podiam ser misturados à cerveja, sucos ou resinas (DELAVEAU, 1982, p.46).

Qui vero quolibet modo in pulmone dolet, pingues carnes devitet, et a cibo qui multo sanguine perfusus est incoclo cibo abstineat, quia tabem circa pulmonem faciunt. Sed et pisam, et lentem, cruda poma, cruda olera, nuces et oleum deviet, quoniam livorem pulmoni inferunt. Quod si carnes comedere vult, macras comedat; et si caesum, non coctum, nec crudum, sed aridum comedat, quia mali livores in eo sedati sunt. Et si oleum comedere vult, modice comedat, ne inde pulmoni livores contrahat. Aquam vero non bibat, quoniam circa pulmonem livorem parat. Sed et novum mustum, quod nondum in fervore ebulliendo sordes ejecit, non bibat quia nondum purgatum est. Cervisia autem eum non multum laedit, quoniam cocta est. Vinum vero bibat, quoniam bono calore suo pulmonem juvat; et ab humida et a nebulosa aura se observet, quia haec humiditate sua pulmonem laedit. Si mali humores in visceribus et in splene hominis superabundaverint, et cordi multas passiones per melancholiam intulerint, ille galangam et piretrum aequali pondere accipiat, et album piper ad quartam partem unius istorum; vel si album piper non habuerit, accipiat pfeffertruch quater tantum ut albi piperis est, et haec in pulverem redigat. Deinde farinam fabea tollat, et ei praedictum pulverem addat, atque haec omnia cum succo foenugreci, absque aqua et vino, alioque liquore commisceat. Quo facto, ex omnibus his tortellos parat, et eos ad calorem solis exsiccet; unde in aestate, dum solem habere potest, eos faciat, quatenus in hieme eos habeat. Deinde eosdem tortellos tam pransus quam jejunos comedat. Postea liquiricum tollat, et quinques plus de faeniculo et zuccaro, ad pondus liquiricii, et modicum mellis, et ex his potum faciat, et tam pransus quam jejunos contra dolorem cordis bibat.

(...)

comida como em jejum para que o bom odor delas faça cessar o mau-hálito.

Aquele que, de fato, tenha de algum modo dor no pulmão, evite carnes gordas, abstenha-se de comida crua e regada de sangue, porque criam putrefação em volta do pulmão. Também evite maçãs cruas, ervilha e lentilha, frutas e verduras cruas, nozes e óleo, porque levam mucosidade ao pulmão. Se desejar comer carne, coma-as magras e se desejar comer queijo, não coma cozido nem cru, mas seco, porque as más mucosidades foram dissipadas. E, se quiser comer óleo, coma moderadamente, para que assim não atraia mucosidades ao pulmão. Com efeito, não beba água, porque produz mucosidade em volta dos pulmões. Tampouco beba vinho novo que ainda não jogou para fora as impurezas na fermentação; não beba porque ainda não está purificado. Por outro lado, a cerveja não causa muito dano, porque é cozida. Sem dúvida, beba vinho, pois ajuda o pulmão, com o seu bom calor. E se resguarde da umidade e da neblina, porque essas lesam o pulmão por sua umidade. Se maus humores se manifestarem em excesso nas vísceras e no baço do homem, e no coração e se apresentarem ao coração muitos sofrimentos causados pela melancolia, que ele receba galanga e piretro em igual peso, e um quarto de peso de um dos componentes de pimenta branca ou, se não houver pimenta branca pegue esse pfeffertruch⁷ utilize quatro vezes mais de pfeffertruch do que de pimenta branca, e reduza tudo a pó. Em seguida, pegue farinha de fava⁸ e acrescente-a ao pó referido anteriormente e misture com suco de feno-grego⁹, sem água nem vinho, nem nenhum outro líquido. Feito isto, prepare tortinhas e seque-as ao calor do sol. Faça-as no verão enquanto pode ter sol, para que as tenha no inverno. Depois, coma essas tortas tanto com a comida como em jejum. Em seguida, pegue alcaçuz, e a quinta parte a mais de funcho e de açúcar, até o peso do alcaçuz, e um pouco de mel, e a partir disso faça uma bebida e beba-a tanto com a comida como em jejum, contra a dor de coração.

(...)

⁷ O nome científico desta palavra em latim é *Lepidium latifolium*, conhecida como erva-pimenteira cf. *Geschichte der Botanik*, por Curt Sprengel. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=XQ1UAAAACAAJ&pg=PA200&lpg=PA200&dq=pfeffertruch&source=bl&ots=LePHqUMe6y&sig=udDkpExrz0Kd2lYS3F-HJgRs7BA&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwiGJHht5XdAhVBC5AKHdXUAMSQ6AEwBnoECAUQAQ#v=onepage&q=pfeffertruch&f=false>. Acesso em 27 set. 2018.

⁸ Conforme capítulo VII do Liber I (*De Faba*), *Physica*.

⁹Feno grego (*Trigonella foenum-graecum*), também conhecido como fenacho ou alforvas, é uma planta cujas sementes possuem propriedades digestivas e antiinflamatórias, sendo útil no tratamento da gastrite e para o controle dos níveis de colesterol.

Physica – Lib. IV – De lapidibus

Cap. I. - De Smaragdo - p. 1249-1251

Smaradgus in mane diei crescit et in ortu solis, cum sol in circulo suo potenter positus est ad paragendum iter suum, et tunc viriditas terrae et gramina maxime vigent, quia aer tunc adhuc frigidus est et sol jam calidus; et tunc herbae viriditatem tam fortiter sugunt, ut agnus qui lac sugit, ita quod aestus diei vix ad hoc sufficit ut viriditatem diei illius coquat et nutriat quatenus fertiles fiat ad producendum fructus. Et ideo smaragdus fortis est contra omnes debilitates et infirmitates hominis, quia sol eum parat et quia omnis materia ejus de viriditate aeris est. Unde qui in corde, aut in stomacho, aut in latere dolet, smaragdum apud se habeat, ut caro corporis sui ab illo incalescat, et melius habeat. Sed si pestes ille in eo ita inundent quod a procella sua se continere non possunt, tunc homo ille smaragdum mox in os suum ponat, ut de saliva ejus madidus fiat et ita, ut ipsam salivam de lapide illo calefactam, et corpus suum saepe inducat et emittat, et repentinae et inundationes pestium illarum absque dubio cessabunt.

(...)

Física – Livro IV – Pedras Esmeralda

A esmeralda cresce de manhã, no nascer do sol, quando o sol está poderosamente instalado em sua órbita para percorrer seu caminho. Então a força vital¹⁰ da terra e as ervas estão cheios de vida, porque o ar até então está frio e o sol já está quente. As ervas sugam essa vitalidade tão fortemente quanto um cordeiro suga o leite. Deste modo, o calor ardente do dia apenas serve para isto, para que sazone a energia vital daquele dia, e nutra as plantas até o ponto de se tornarem férteis para produzirem frutos. E, por esta razão, a esmeralda é forte contra todas as fraquezas e doenças do homem, porque o sol a produz, e porque toda a sua substância provém da força vital do ar. Daí que, aquele que sofre do coração, do estômago ou do tronco, deve ter consigo uma esmeralda para que a carne de seu corpo se aqueça por ela, e assim ele terá melhora. Mas se essas doenças invadem a pessoa como se viessem de uma tempestade dela que não possa se conter, coloque, então, imediatamente uma esmeralda em sua boca para que fique molhada com a sua saliva e a saliva seja aquecida com a pedra. Ponha a esmeralda sobre o seu corpo e retire-a; faça isso repetidamente e os ataques dessas doenças cessarão, sem qualquer dúvida. (...)

5. *Causae et Curae*

A obra *Causae et Curae*, literalmente “As Causas e as Curas” (subentendendo-se “das doenças”), provavelmente tenha sido escrita como complemento de *Physica*, mesmo tendo sido encontrada muito depois desta.

Causae et Curae (nas citações CC) foi encontrada por Carl Jensen, em 1859, na Biblioteca Real de Copenhague, em um manuscrito do século XIII, intitulado *Hildegardis Curae et Causae*, procedente do acervo de um monastério alemão. No final do século XIX, Karl Kaiser publicou a edição completa da obra, conhecida como *Editio Princeps*, em 1903, em Berlim (STREHLOW e HERTZKA, 1988). A obra possui traduções para o espanhol¹¹, alemão¹², inglês¹³ e francês¹⁴, porém nenhuma para o português.

¹⁰ *Viriditas* é um termo criado por Hildegarda, composto de *veritas* (“verdade”) + *viridis* (“verde”). Segundo Hildegarda, a energia positiva da esmeralda, por ser verde, assemelha-se à salsa. Repare-se que a cor verde entre os espiritualistas representa a saúde, e que a esmeralda é a pedra preciosa símbolo da medicina.

¹¹ *Causas y Remedios*. Traduzido em 2009 por José María Pujol Bengoechea e Pablo Kurt Rettschlag Guerrer, a partir da edição do latim publicada por Teubner, em 1903.

¹² *Ursachen und Behandlung der Krankheiten (Causae et curae)*. Traduzido por Hugo Schulz, com um prólogo de Ferdinand Sauerbruch. Publicado em 1990, Karl F. Haug Verlag (Heidelberg) 6ª ed. 373 páginas.

¹³ *Causes and Cures of Hildegard of Bingen*. Traduzido por Priscilla Throop. 2006 (2008, 2ª edición). Editado por Medieval MS. Estados Unidos.

¹⁴ *Les Causes et les Remedies*. Tradução de Pierre Monat. Éditions Jérôme Millon, 1997.

Causae et Curae compreende cinco livros de tamanho variável. O Livro I (*Liber I*) trata da Criação e descreve como foram criados os anjos, o mundo, os astros e as forças da natureza, seus significados e propriedades, a base e o influxo de tudo sobre o ser humano, além de descrever a queda de Lúcifer. O Livro II (*Liber II*) trata do homem desde a sua concepção, dos animais, das doenças e suas causas, dos órgãos e dos membros do ser humano. Expõe como o pecado de Adão afetou a natureza humana em seu aspecto sentimental e físico, e faz diversas considerações sobre os diferentes tipos humanos baseados em circunstâncias particulares de concepção. Trata do sonho e descreve doenças. Os sonhos para Hildegarda são uma fonte rica de análise. Esses poderiam ser ocasionados por preocupações e desequilíbrios emocionais da alma, ligados à vida do corpo em estado de vigília ou até a ilusões construídas pelo demônio. Dessa forma, Hildegarda classifica os sonhos entre sonhos de resto de dia, sonhos lúcidos ou despertados, sonhos induzidos por doença, sonhos proféticos e sonhos diabólicos. Naturalmente, os sonhos induzidos por doença tornam-se ferramenta indispensável para detecção de doenças presentes no corpo de um indivíduo. Veja-se no capítulo “Sobre os sonhos”, do livro *Causas e curas*, como a santa relacionava a alma ao estado do sono¹⁵:

***De Somnis* (CC, LII, 82, 28-33)**

*Sed tamen, quoniam anima hominis a deo est, aliquando vera et futura corpore dormiente videt et scit ea, quae fortuna sunt homini, quae ita interdum contingunt. Saepe etiam evenit, quod aut diabolica ilusione fatigata et turbata mente gravata perfecte non potest ea videre et decipitur. Nam multotiens cogitationibus et opinionibus atque voluntatibus, quibus homo vigilans occupatur, his etiam et in somnis gravatur, et in eis interdum ita elevator ut fermentum, quod massam farinae elevat, sive cogitationes illae bonae sive malae sunt.*¹⁶

Os sonhos

Visto que a alma do homem provém de deus, um dia ela vê as verdades e as coisas futuras com o corpo dormindo, e conhece as coisas que são a fortuna do homem, que assim de tempos em tempos o atingem. Frequentemente também acontece que ela (sc. “a alma”) não possa ver perfeitamente e que se engane, ou pela ilusão diabólica e atormentada, ou pela mente pesada e perturbada. Muitas vezes, o homem que está acordado se ocupa de pensamentos, opiniões e vontades, e que também se imprimem nos seus sonhos, e às vezes neles (sc. “a alma”) cresce como um fermento que aumenta a massa de farinha, sejam bons ou maus aqueles pensamentos”.

Hildegarda propunha tratamentos naturais para os distúrbios do sono como, por exemplo, a utilização de folhas de betônia para espantar sonhos ruins. Segundo Hildegarda, após um pesadelo, as pessoas de mais idade, com problemas cardíacos, costumam acordar hiperventilando, além de sentirem palpitações no coração. Para essas pessoas, folhas de betônia (*Stachys officinalis*) deveriam ser utilizadas no travesseiro de dormir, servindo como um filtro dos sonhos. Entretanto, as folhas nunca poderiam ser utilizadas para chá¹⁷.

Os Livros III e IV (*Liber III* e *Liber IV*) abordam a cura de certas doenças, para as quais ela indica remédios. A cura é precedida de um aviso importante: as práticas médicas descritas e mostradas por Deus podem libertar ou curar o homem, a menos que Deus não queira libertá-lo, e então morrerá (CC 165, 21). O Livro V expõe os sinais que aparecem nos olhos, na urina e no pulso, que podem ajudar tanto no

¹⁵ Todas as citações de *Causae et Curae* presentes neste artigo provêm da edição de KAISER (1903).

¹⁶ <https://archive.org/details/hildegardiscaus00hildgoog/page/n92>.

¹⁷ *De Bethonia* em *Physica*, pp. 1182 -1183.

diagnóstico quanto na cura do doente. Finalmente, Hildegarda considera que uma lunação completa está dividida em trinta estágios e descreve de forma surpreendente os seres humanos conforme o estágio em que foram concebidos. Por exemplo, um indivíduo feliz e saudável seria fruto não somente de um casal que se amava, mas dos auspícios de uma boa lua, no momento da fecundação.

Entre as diversas menções do benefício da espelta tanto para a prevenção da saúde quanto para a cura de certas doenças, Hildegarda estimula o seu consumo – seja em grão, flocos ou como farinha em pães – como um agente de purificação do sangue no fígado, em primeiro lugar, e, a partir dele, do pulmão e do corpo em geral¹⁸.

Percebe-se que esta maneira de tratamento encontra respaldo na medicina atual, pois corresponde ao conhecimento científico em relação ao fluxo sanguíneo. Hildegarda descreve distúrbios metabólicos como causa de doenças no fígado. Por sua vez, as doenças do fígado são causadas pela intoxicação proveniente da má alimentação e de seu excesso (CC, LII, 202), e ainda pela má combinação de alimentos. Os termos usados por ela para descrever as doenças do fígado baseiam-se na teoria dos humores, referida brevemente na introdução, que será aprofundada no decorrer desta pesquisa. Os maus (*mali humores*), os sucos nocivos (*noxi humores*) e os sucos provenientes de doenças infecciosas (*infirmi humores*) interferem no metabolismo por completo (STREHLOW e HERTZKA, 1987).

No Livro III de *Causae et Curae* (Liber III, *De epatis duritie* “Sobre a dureza do fígado”), Hildegarda sugere o seguinte como tratamento¹⁹:

Sed et triticeum panem illum manducet, quem quidam homines inter discissam et aridam porcinam scapulam carniū aliquando pro delectamento ponunt et vino perfundunt. Nam aridus succus huius scapulae, cum excitatur calore vini et pani superfunditur, idem panis sic temperatus iecur constringit, ne infletur.

“Deve-se comer o pão de trigo (espelta), que normalmente as pessoas põem fatias de carne seca de porco, com vinho derramado por cima. Desta forma, o suco seco da carne do porco, quando é estimulado pelo calor do vinho sobreposto ao pão que, assim temperado, enrijece o fígado para que não inche”.

6. Considerações finais

O conhecimento transmitido por Hildegarda, tanto em *Physica* quanto em *Causae et Curae* em relação à medicina natural, demonstram-se eficazes e constituem um verdadeiro instrumento de apoio para os tratamentos médicos atuais. Na Alemanha, sua terra natal, ainda vários recursos da medicina hildegardiana são empregados, especialmente suas ideias sobre alimentação para a prevenção e tratamento de várias enfermidades. No que se refere às teorias e práticas de cura por meio de terapias energéticas, vê-se que estão sendo resgatadas e valorizadas, sem a consciência de que uma mulher há 900 anos já havia se dedicado à pesquisa e à prática nesse campo do conhecimento. Muitos ensinamentos de Hildegarda permanecem sendo utilizados sem alterações ao longo do milênio que nos separa dessas obras; outros sofreram avanço científico a partir da base criada por ela.

Devido à riqueza de seus conteúdos, está em andamento um projeto de pesquisa “Tradução comentada das obras *Physica* e *Causae et Curae*”, iniciado em

¹⁸ CC, L II, parágrafo 33 e seguintes.

¹⁹ CC, LIII,

2018, cujo objetivo final é a publicação inédita em edição bilíngue latim-português dessas obras. Ao traduzirmos diretamente do latim as obras *Physica* e *Causae et Curae*, que serão de interesse de professores de história, estudiosos de língua latina, médicos, terapeutas, teólogos, espiritualistas, religiosos, entre outros, permitiremos que o público de língua portuguesa conheça uma mulher medieval que contribuiu enormemente em diversas áreas do saber.

Referências

ADAMSON, M. W. *A Reevaluation of Saint Hildegard's Physica in Light of the Latest Manuscript Finds*. Nova Iorque: Garland, 1995, pp. 55-80.

ALMEIDA, C. C. D. *Do mosteiro à universidade: considerações sobre uma história da medicina na Idade Média*. Revista de História, UFRGS, Porto Alegre, v. 2, n. 2, 2009.

BINGEN, H. V. *Hildegard's Healing Plants: from her Medieval Classic Physica*. Tradução de Bruce W. Hozeski. 1^o. Ed. Estados Unidos: Beacon Press, 2002.

BINGEN, H. V. *Physica: Le livre des subtilités des creatures divines*. Tradução de Pierre Monet. Ed. França: Jérôme Millon, 2011.

BINGEN, H. V. *Causa et Curae*, ed. Paulus Kaiser. Leipzig: B. G. Teubeneri, 1903.
Disponível em: <https://archive.org/details/hildegardiscaus00hildgoog/page/n10>. Acesso em 05 set. 2018.

BINGEN, H. V. *Libro de Medicina Sencilla. Liber simplicis medicinae - Physica*. Disponível em: <<http://www.hildegardiana.es/34physica/index.html>>. Acesso em: 05 set. 2018.

BOUDÈS, Y. *Hildegarde de Bingen et l'encyclopédisme médiéval*. Le cas de livres animaliers de la Physica. Médiévales, vol. 70, 2016, pp. 233-250.

CELSUS, A. C; SPENCER, W. G. *De Medicina I (books I-IV)*. Tradução de W. G. Spencer. Estados Unidos: Harvard University Press, 1935.

_____. *De Medicina I (books V-VI)*. Tradução de W. G. Spencer. Estados Unidos: Harvard University Press, 1938.

_____. *De Medicina I (books VII-VIII)*. Tradução de W. G. Spencer. Estados Unidos: Harvard University Press, 1938.

.medicina, a filosofia e a mística. Trans/Form/Ação, Marília, v. 35, p. 187-208, 2012.

CLENDENEN, A. *Experiencing Hildegard: Jungian Perspectives*. Estados Unidos: Chiron Publications, 2012.

DELAVEAU, Pierre. *Histoire et renouveau des plantes médicinales*. Paris: Albin Michel, collection "Sciences d'Aujourd'hui", 1982.

FERTL, K. M. DIE GARTENPFLANZEN DES MITTELALTERS: Die Pflanzen der Nutz- und Lustgärten vom 11. bis zum 15. Jahrhundert und ihre Bedeutung für den Lebensalltag der Menschen im Mittelalter. Tese (Dissertação de Mestrado) – University of Vienna. Historisch-Kulturwissenschaftliche Fakultät Betreuer, Viena, 2013.

GIENGER, M. *Manuel de lithothérapie ou l'art de se soigner avec les pierres*. Tradução de Anne Charrière. 10^o. Ed. França: Éditions Véga, 2008.

GONÇALVES, P. M. ; SICCARDI, C. : *Descobrir Hildegarda de Bingen*. Escolhas e Percursos, 2015. Disponível em: <<https://tbcpaouquia.blogs.sapo.pt/cristina-siccardi-descobrir-hildegarda-459982>>. Acesso em: 05 set. 2018.

Illumination accompanying the third vision of Part I of Scivias. Wikipédia. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Scivias#/media/File:Meister_des_Hildegardis-Codex_001_cropped.jpg>. Acesso em 25 set. 2018.

LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Analítico do Ocidente Medieval*. 2v. São Paulo: Unesp, pp. 173-189, 2017.

Liber Divinorum Operum (1165) Cópia do XIII século. Wikipédia. Disponível em: <https://fr.wikipedia.org/wiki/Hildegarde_de_Bingen#/media/File:Hildegard_von_Bingen_Liber_Divinorum_Operum.jpg>. Acesso em: 21 set. 2018.

MIGNE, J. P. *Patrologiae cursus completus, omnium SS. Patrum, Doctorum Scriptorumque Ecclesiasticorum*. v. 197. França: Brepols, 1882.

MOULINIER, L. *Les merveilles de la nature vues par Hildegarde de Bingen (XIIIe siècle)*. Anais do Congresso da Sociedade de Historiadores Medievais do Ensino Superior Público, 25^o ed., Orléans, p. 115-131, 1994.

MOULINIER, L. *Abbesse et agronome: Hildegarde et le savoir botanique de son temps*. Londres: Royaume-Uni., pp. 135-156, 1995.

MOULINIER, L., Org. *Beatae Hildegardis Causae et curae*. Munique: Akademie Verlag, pp.117-384, 2003 (Rarissima mediaevalia, 1).

O Homem de Vitruvius. Wikipédia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Homem_vitruviano#/media/File:Da_Vinci_Vitruve_Luc_Viatour.jpg> . Acesso em: 21 set. 2018.

PALAZZO, C. *Hildegard de Bingen: o excepcional percurso de uma visionária*. Mirabilia, La Rioja, n. 2, p. 139-149, 2002.

REZENDE, JM. *À sombra do plátano: crônicas de história da medicina*. São Paulo: Editora Unifesp, 2009. Dos quatro humores às quatro bases. pp. 49-53.

RICHET, C. M. D. *Ancient humorism and modern humorism*. The British Medical Journal, Londres, p. 921-926, 1910. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2336103/pdf/brmedj07876-0001.pdf>>. Acesso em 02/09/2018.

SOUSA, M. A. S. M. *A arte médica em Roma antiga nos De Medicina de Celso*. Ágora. Estudos Clássicos em Debate, Aveiro, n. 7, p. 81-104, 2005.

STREHLOW, D. W. *Hildegard of Bingen's Spiritual Remedies*. Estados Unidos: Healing Arts Press, 2002.

STREHLOW, D. W.; HERTZKA, M. D. G. *Hildegard of Bingen's medicine (Folk Wisdom Series)*. Estados Unidos: Bear and Company, 1988.

UEHLEKE B, *et al*. *Are the Correct Herbal Claims by Hildegard von Bingen Only Lucky Strikes? A New Statistical Approach*. Forsch Komplementmed, vol. 19, n. 4, p. 187-190, 2012.

VISION (filme). Direção: Margarethe von Trotta. Produção: Markus Zimmer. 2009. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2EH79p_YL6Q